

Nuno Júdice

A CONVERGÊNCIA DOS VENTOS

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
LISBOA
2015

ÍNDICE

Memória familiar	11
Metamorfose em agosto.....	13
Crença outonal.....	14
Nova eclosão de imagens	17
A vindima de Eros.....	18
Idade de ferro	20
Catecismo negativo	21
A nuvem da vida	22
A premissa do sonho	23
Encomendação	24
Uma nova questão prática	25
Analogia aquática	26
Passado sem nome.....	27
Esboço de nu.....	28

Elegia noturna (1)	29
Imagem perdida	30
Instruções a Courbet	31
Criação.....	32
Os seios de Simonetta Vespucci	33
Retrato antigo	34
Numa esquina do inverno, encontrei a primavera.....	35
Eva e Lilith.....	37
Teoria da nuvem (versão filosófica)	38
Um vento de imagens.....	39
Variação celeste.....	40
Canto de ausência	41
Retrato	42
Outra imagem.....	43
Embarque.....	44
Trabalho de dedos	46
Zoologia: O caracol.....	47
Pausa num passeio noturno.....	48
Breve nota à primeira elegia de Duíno	49
Salmo exangue	50
Apocalipse verbal.....	51
Esboço de ode (romântica)	52
Uma antiga selfie	53
Receita com gema e açúcar	55
Gil Peres Conde	56
Pero González de Mendoza	57
Desvio de fundos.....	58
Proposta para uma boa execução da prisão preventiva.....	59
O vento da Grécia	61
Austeridade	63

Luz	64
Elegia nocturna (2)	65
A guerra	66
Balanço	67
Beatificação	69
A partir de uma imagem de Santa Teresa de Ávila.....	70
Regresso a Hölderlin	71
A viagem de Orfeu	73
A última vontade de Eurídice	74
Taça de melancolia	75
Ode (novo fragmento).....	78
Canto para meditação	80

MEMÓRIA FAMILIAR

Os ventos percorrem os terraços do sul. Levantam as folhas caídas das grandes árvores do outono. E obrigam as mulheres a proteger o cabelo com os lenços guardados em antigos armários de mogno. Os seus rostos ficam brancos quando o vento os percorre. Os seus braços ondulam como os ramos de arbustos que parecem quebrar-se; e as suas mãos procuram apoio, como se o vento as empurrasse para o abismo.

Invoco a voz desses ventos que crispam a água dos lagos e enfurecem o mar numa ressaca de temporal. Procuo no seu sopro a voz de um deus que se cansou do silêncio, e vejo erguerem-se no horizonte as velas de sombra da barca que transpôs as fronteiras do instante. Quem desembarcará dos seus porões no cais da noite, e em que obscuras camas se juntarão os marinheiros esgotados pelo álcool do reencontro?

Mas os ventos que batem nas janelas do quarto não os deixarão adormecer; e as mulheres pálidas da madrugada inscrevem na sua pele o nome do porto a que nunca irão chegar. Cegos, eles tacteiam o corpo desejado em busca do sexo que esqueceram no tédio das calmarias. E falam dos sóis pesados do equinócio, da visão de areais inacessíveis numa tentativa de naufrágio, como se elas os ouvissem.

Os ventos, no litoral que os seus olhos procuram,
guiam-lhes o desejo. E os lençóis erguem-se sobre eles,
como velas, afogando na sua brancura as mulheres
que em vão os abraçaram.

METAMORFOSE EM AGOSTO

O verão solta os cabelos como a mulher
que se ergueu do leito e avança para o espelho,
com as mãos da manhã a viajarem pela sua pele. O
que ela vê é o reflexo dos sonhos que as suas
pálpebras fecharam para que o dia se não apoderasse
de imagens que ela própria já esqueceu; e
quando despe a túnica da noite, olha
para os seios como se neles corresse o leite
que alimenta o desejo, e entrelaça nos seus
cumes os gestos trânsfugas do amor.

O verão, que subiu às açoteias do litoral
como o grito dos amantes que incendiou
a tarde e atravessou a terra com um calafrio
de nortada, transformou-se no carreiro
de formigas que se perderam da sua cova. Sigo-as
num caos de vagabundagem, como se elas me levassem
ao encontro de uma recordação de madrugadas
de ócio, ouvindo a voz que ficou da insónia
emergir de uma dobra de lençóis, com
as sílabas exaustas de um imenso abraço.

E saúdo o verão que as trepadeiras possuíram
nos quintais anónimos de ruínas imprecisas, esse
que fez cair sobre nós o seu relâmpago de seda,
um sumo de palavras húmidas e a última ressonância
de uma sombra de corpos.

CRENÇA OUTONAL

No entanto, caídas as colunas de setembro com os ventos que arrastam as insónias do levante e incendeiam as planícies, erguem-se nas mãos de um deus morto os mastros de mármore de um navio antigo. A que porto se dirigia a sua viagem? Em que recifes projectou o seu naufrágio? Nos seus lábios, que os vermes do absoluto devoram, leio as contas do tempo que ele imaginou para o seu percurso clandestino, como se um deus coubesse no porão. «Dizei-me», murmurou no instante da agonia, «que ave seguirá o rasto do barco até onde irei chegar?» Mas os homens confundiram a sua voz com um distante anúncio de tempestade, e abrigaram-se do céu, fugindo ao seu grito.

De manhã, recolhi os vestígios da noite nesse cais abandonado: tábuas apodrecidas pelo sal, as mantas que enrolaram os moribundos antes que a morte os recolhesse, gemidos apanhados nos rochedos do molhe, no instante em que a onda se retira. Mas que fazer com os despojos do sagrado? Por vezes, era como se o corpo divino aparecesse à minha frente; de outras vezes, entoava o louvor do nada, e cada sílaba me arranhava a boca na dicção ácida de um fardo de maldições. E o mar crescia na minha memória, corria pela minha pele como os insectos dos trópicos, e devorava cada imagem como se, no seu furor,

quisesse apagar o passado e restituir aos olhos
o horizonte branco da origem.

Porém, também as fontes secaram no limite do estio,
e os peixes sufocaram sobre o lodo do fundo. Apanhei-os
no meu saco, para os distribuir pelos bairros do norte,
pelos pórticos de onde espreitam as mulheres pálidas
e os homens de cabelo húmido pela maresia, e
assisti à sua refeição de carne doce, enquanto os pedintes
se juntavam atrás de mim para recolher os restos, sem
que eu tivesse alguma coisa para lhes dar a não ser essa
palavra que deus me ensinara ao dizer-me: «Dá aos que
nada têm o Ser que eu inventei.» E eles respondiam: «De
que nos serve o Ser? Que faremos com ele, nós, os que nada
temos?» E empurrei-os para os armazéns vazios, onde
as suas palavras ecoariam de encontro à cúpula
metálica que as chuvas enferrujaram num inverno
da infância. Mas eles recusavam, e insultavam-me,
como se a dádiva de um deus fosse uma ofensa.

Então, disse-lhes, juntemo-nos na grande mesa da comunhão;
partilhemos o ódio, como se parte o pão; e bebamos
o vinho da ira, já azedo, ficando com a garganta
amarga para que os gritos se tornem roucos; e deixemos
de nos ouvir uns aos outros. Como cegos, partiremos,
um em cada direcção, levando como único troféu
o desespero. E quando chegarmos ao limite da praia,
ao oceano em que deveríamos embarcar, perguntaremos
onde está esse navio prometido, esse mapa que nos daria
a resposta, e o azul do céu que nos abriria o desejo

de beleza, e nos faria ver o corpo anunciado de deus sobre as águas. Mas ficámos sem ter aonde regressar, e só nos alimenta um pedaço do pão da desventura, ressequido do sol, com a consistência da pedra, doendo na boca como as palavras do poema.

Por fim, sem mais nada, resta-nos deus. Está morto dentro de nós. Mas ainda o podemos tirar da cabeça e estendê-lo na areia, como o corpo de uma baleia que tivesse dado à costa. «Não lhe toquem com os pés», diz o guardião da costa. «Se estiver podre, a sua podridão pega-se à nossa pele. «Mas já andei com ele dentro de mim», respondi ao homem. «Já me pegou a doença do sagrado, a lepra de uma crença infinita, o desejo de um além que nunca verei.» O guardião da costa riu-se. «Sei muito bem onde vêm dar estas baleias. Os seus ossos estendem-se ao longo do litoral, e ao seu lado sentam-se os inúteis, repetindo com as suas bocas mórbidas as frases que aprenderam no contacto com a sua carne putrefacta. Alguns, abriram-lhes os ventres e entraram neles, como se ainda os pudessem fecundar. E o seu esperma foi devorado pelos caranguejos da ria.»

Deixei-o a falar sozinho, como se faz a todos os que perderam a fé. E subi pelo dorso da baleia, até onde acreditei que poderia tocar o céu, enterrando-me na sua carne movediça até me confundir com o corpo de deus.